

O incrível mundo de Zuc

Rosângela Trajano

O incrível mundo de Zuc – Capítulo I – Rosângela Trajano

E assim, um dia, começou a minha história:

Anabela, ontem mamãe se aborreceu comigo porque eu não estava com vontade de ir ao parque. Fiquei triste porque ela disse que criança não sabe o que é vontade

Anabela, o que é vontade?

Um Beijo, Zuc.

Este foi o meu primeiro bilhete redigido para Anabela depois daquele inesquecível encontro na casa de campo dos meus pais. Pedi para Joaquim levar até ela.

Acredito que vocês devem estar curiosos para saber quem sou eu, Anabela e Joaquim. Sobre os outros: Joaquim é meu gato e Anabela uma ratinha amiga. Peço desculpas, sou assim mesmo: falo, falo, falo e só depois quando alguém pergunta quem sou é que digo meu nome, na verdade eu nem sei quem sou. Essa pergunta sempre me intrigou. Quem sou eu? Não sei, posso ser tantas coisas além de um simples nome. Por isso não vou dizer-lhes muita coisa sobre mim. No decorrer da

história descobriremos quem sou juntos ou quem sabe depois que vocês tiverem terminado essa história e fechado o livro. Sempre ficam dúvidas dentro da gente. Vocês poderão descobrir quem sou um dia ou talvez sempre tenham dúvidas sobre mim, realmente. A verdade é que ao final do livro seremos bons amigos.

No dia em que conheci Anabela fazia um sol muito forte e o céu tinha um azul límpido. Estava passando um fim de semana na casa de campo da minha família, isso já faz alguns anos. Foi um encontro rápido, mas logo ficamos amigos. Depois de muito tempo, voltamos à casa de campo. Meus pais encheram o carro com compras de supermercado, colchonetes, cobertores, vara de pescar, dentre outras coisas, quase não tinha espaço para nos acomodarmos nos bancos. Como não sabia que o carro ia tão cheio, convidei a Laís para ir conosco. Laís era a minha melhor amiga da escola, aliás, ela tinha que ser ou a melhor ou a pior, pois não tinha outra menina na minha sala de aula. Papai continuava a colocar mais coisas onde ia encontrando espaço no carro foi quando surgiu com a minha mochila nas costas e Joaquim nos braços.

— Para onde você pensa que vai levar esse gato pulgento?, perguntou papai com um ar de cansaço.

— Joaquim vai conosco, papai. Ele não pode ficar sozinho, respondi-lhe com um olhar maroto.

— Por que um gato que sempre morou nas ruas não pode passar um fim de semana sozinho?, papai parecia aborrecido.

— Porque esse gato agora é meu, papai. Temos um laço de amizade. Joaquim poderá sentir saudades e adoecer se ficar sozinho. Acho que é por isso que também vai levando a sua máquina de datilografia, aponte para a velha máquina de papai exposta ao sol em cima do capuz do carro.

— Deixe de tolices, garoto. A máquina de datilografia é o meu instrumento de trabalho, e nunca ouvi falar que máquinas sentissem saudades nem que adoecessem. Ela vai porque vou precisar trabalhar no fim de semana.

— Ela, talvez não. Papai, será que as máquinas terão sentimentos algum dia? Você, papai, não suportaria ficar distante da sua máquina. Eis o que chamo de saudades, papai: é quando nos separamos de algo ou pessoa de quem gostamos muito e só nós sabemos o valor que elas têm. Ninguém é capaz de sentir por nós, é um sentimento único, só nosso. Talvez Joaquim não venha a sentir saudades de mim, se ficar, mas eu sentirei falta dos seus miados ao amanhecer, porque amo os seus miados. É como o barulho das teclas da sua máquina, eu sei que você sente saudades dele todas às vezes que viaja e não pode levá-la porque você o ama.

— Está louco, menino? Quem já viu amar um barulho. Está merecendo um castigo. Ou está louco ou está querendo me enlouquecer.

Papai estava ficando nervoso com aquela conversa que ele costumava chamar de pé sem cabeça e foi jogando as coisas no carro, apressado. De repente, para a minha salvação, apareceu mamãe com os braços cheios de plantas, ela parecia mais uma árvore andante.

— Deixe o garoto em paz, Marcelo. Vamos, Zuc, coloque Joaquim numa caixa, faça uns furinhos para ele respirar e amarre um barbante em volta dela para não se soltar dentro do carro.

Olhei para mamãe, espantado. Do jeito que ela falou, parecia que estávamos levando o pobre do Joaquim para uma guerra. Não concordei com a ideia dele ir preso numa caixa, queria que visse a paisagem da qual tanto lhe falei: o rio, as plantações de morango do Senhor João, o cata-vento do sítio de Dona Laura e a beleza das montanhas. Mania que gente grande tem de esconder as coisas.

— Joaquim vai no meu colo, mamãe. Quero que ele conheça de perto aquilo que só vê nas fotografias do meu álbum. Afinal, todos nós temos o direito de conhecer as

coisas como elas realmente são; de sentir, tocar, provar e ver. É preciso saber diferenciar o bonito do feio, o bom do mau, o doce do amargo, o duro do mole, e isso Joaquim só aprenderá se experimentar um pouco de cada coisa., Joaquim sacudiu a cabeça e abriu a boca como se estivesse com sono.

— Filho, você não está esperando muito de um gato? Nem gente grande aprende tudo isso, perguntou mamãe enquanto passava as plantas para papai.

— As suas plantas, mamãe., aponte para os jarros cheios de plantas de várias espécies.

— O que tem as minhas plantas?, perguntou limpando as mãos na longa saia vermelha. Mamãe adorava a cor vermelha.

— Você perguntou a elas o que acham de deixar a nossa casa para ir morar na casa de campo? E as que já estão lá, quantas vezes você as perguntou se sentiam sua falta? Como você sabe o que é melhor para elas se nem procura ouvir as suas vontades?, cocei meu nariz e ajeitei os óculos que escorregavam.

— Lá vem você com essa conversa de vontade. Já disse que criança não sabe o que é vontade. Isso é uma coisa muito complicada., disse mamãe.

Balançou a cabeça ignorando os meus questionamentos. Ela e papai sempre faziam aquilo quando eu começava a enchê-los de porquês, como, o quê, etc. Diziam que eu devia aceitar as coisas do jeito que eram e não como eu queria. Mas, muitas

vezes, peguei-os em contradição querendo mudar leis, conceitos que eles mesmos me diziam que não podiam ser mudados.

Finalmente, consegui convencê-los a levar Joaquim em meu colo. As plantas da mamãe pareciam felizes, a paisagem florida convidava-as para um passeio. Foi num desses instantes em que estava bem acordado que vi a palmeira voar pela janela do carro, atravessar a estrada e se abraçar com uma amiga da sua mesma espécie. Percebi o sorriso que vinha das suas longas folhas verdes, e talvez esteja ficando louco, mas juro que a ouvi dizer:

— Aqui vou eu liberdade. Esta sempre foi a minha vontade.

Disse isso olhando para mamãe que nem percebeu o acontecido, pois fazia alguns cálculos com o lápis e um pedaço de papel nas mãos, a discutir com o papai quanto ganharia com as orquídeas de seu jardim. Eu fiquei bem quietinho e não deixei que ela percebesse a fuga da palmeira. Só alguns minutos depois lhes fiz a seguinte pergunta:

— Liberdade é o mesmo que vontade?

Joaquim miou duas vezes, como se estivesse repetindo a minha pergunta. Mamãe concentrada nas suas contas, nem ouviu a minha pergunta. Eu não quis aborrecer

papai para não distraí-lo da estrada. A frase martelava na minha cabeça: liberdade e vontade... liberdade e vontade...

Chegamos a casa de Laís que morava do outro lado da cidade, do lado rico como diziam os outros. A casa dela mais parecia um quartel: cheia de seguranças, cachorros ferozes, muros altos e grades de ferro por todos os locais. Eu vivia me perguntando o porquê de tudo aquilo, apesar dela ter me contado várias vezes sobre o perigo de assaltos e sequestro. Sempre achei a vida de rico complicada, e sempre me perguntei se todo rico era feliz de verdade. Em relação a fortuna de Laís eu era um garoto muito pobre. Tinha aprendido a gostar dela porque sempre me elogiava nos finais das aulas dizendo que eu era inteligente e tinha um belo futuro pela frente, mas na verdade a inteligente era ela. Naquele tempo, nunca consegui entender direito os elogios de Laís, eu mesmo me achava tão enrolado, nunca entendia as coisas da primeira vez, a professora precisava explicar mais detalhado para mim, citar exemplos e mais exemplos, tentar me convencer, eu acabava roubando todo o tempo da aula e a paciência dos professores. Cheguei a ficar de castigo, certa vez, só porque recusei ir ao quadro-negro, disse que não sentia vontade, e achava que naquela idade podia fazer o que quisesse uma vez que me lembravam sempre dos meus deveres. Mas criança não pode ter vontade para alguns adultos e isso era mais uma coisa que eu também não entendia.

— Olá, Zuc! Vamos, desça do carro. Preciso que me ajude a pegar as minhas coisas.

Olhei docemente para Laís, estava linda dentro de um vestido amarelo, os cabelos longos encaracolados e castanhos escuros, os olhinhos arredondados da cor do mel das abelhas. Imediatamente, coloquei Joaquim sentado no banco do carro, e desci para ajudá-la. Papai e mamãe entreolharam-se, mas graças a Deus nada disseram. Sempre achei que eles gostavam da nossa amizade só porque os pais de Laís tinham dinheiro. Meus pais só pensavam em dinheiro. Cheguei durante muito tempo a pensar que o dinheiro era o rei do Universo, de tanto ouvir papai dizer que o dinheiro podia tudo, a confusão era grande quando mamãe falava de um certo rei chamado Deus, que também podia tudo, aí eu não sabia quem podia mais. Até o dia em que vi mamãe chorar por ter ganhado um grande prêmio num concurso de culinária, e agradecer a Deus. Ela tinha recebido o dinheiro, mas foi a Deus que agradeceu, então Ele estava acima de tudo, deduzi, ele podia tudo, ele era o dono do Universo. Veio a próxima curiosidade: Quem é Deus? Mas essa eu só entendi depois de grande. Por isso vou deixar para vocês essa pergunta, pensem bem na resposta e não se preocupem em descobri-la tão rapidamente, cada coisa tem a sua hora.

A cara dos meus pais parecia aquele símbolo que usamos para representar a moeda do nosso país. Outra coisa que eles viviam falando era em *status*, palavra que eu achava bela, até a Laís me ensinar o seu significado. Laís me contou que os adultos inventaram aquela palavra para distinguir um ser humano de outro em relação a sua profissão, moradia, bens materiais, dinheiro etc. Era mais ou menos assim: se algum indivíduo era doutor, e outro apenas um pedreiro, o status do primeiro era muito maior, logo ele merecia mais respeito das outras pessoas. E se o pedreiro fosse um cara legal? Gostasse da natureza, das crianças, de música, de fazer pipa, de jogar bola? E o doutor não gostasse nada daquilo? Peguei Laís, novamente. Eu sabia quando a pegava porque o rosto dela corava. Depois de pensar e pensar, ela me falou que para alguns adultos só interessavam os valores materiais e acadêmicos que as pessoas adquiriam no decorrer das suas vidas. Irrequieto, fiz-lhe outra pergunta, dessa vez assustado:

— Quer dizer então que se eu não me tornar um doutor, não ganhar muito dinheiro, não morar num local chique e não me vestir bem jamais terei *status*, Laís?

— É mais ou menos assim, Zuc. As pessoas grandes dizem que é assim.

— E se eu dedicar amor as pessoas, respeitar o próximo, ser amigo, essas coisas que mamãe costuma ler para mim nas histórias infantis?

— Não sei, Zuc. Vai depender do pensamento de cada um. As pessoas pensam diferentes.

— Então é por isso que me tratam daquele jeito na escola! Sabem que estudo lá porque tenho uma bolsa de estudos, mas não tenho dinheiro. Sorriem do meu lanche porque só tem pão com manteiga e o deles cheio de chocolate, sanduíches, pipoca, suco, doces... eu não tenho *status*, Laís. Mas você tem., olhei para ela, tristonho.

— Ei, o que é isso? Vai me ajudar ou não a colocar as coisas no carro. Ainda quero nadar no rio. Temos que nos apressar, Zuc., Laís procurou me reanimar, fugindo da conversa.

— É triste não ter *status*. Será por isso que a Dona Glória sempre me coloca de castigo e nunca coloca os outros meninos que vivem aprontando e dizem que fui eu? Ela nunca procura saber a verdade! Será por isso que ela implica com a minha camisa cheia de remendos? Será por isso que os meninos costumam sorrir de mim porque o carro do meu pai sempre quebra na porta da escola? Será por isso que todos sorriem do meu velho tênis? Meus pais não têm *status*, logo eu também não posso ter.

— Zuc, senta aqui., Laís convidou-me a sentar num pequeno banco de madeira que ficava de frente para uma linda fonte. Estávamos no jardim da casa dela. Ficamos tão próximos um do outro que podia ouvir a sua respiração., Olha, nós podemos

mudar esse conceito, tá? Para mim, você tem um *status* invejável. Você se diferencia das outras pessoas porque é um grande amigo, porque tem um bom coração, porque ajuda a todos. Se considerarmos, a partir de hoje, que *status* é tudo isso então você não tem do que reclamar. Guarde isso consigo, e sempre que alguém falar de *status* pense no que lhe falei. Você é aquilo que guarda dentro de si.

Sorri para Laís enquanto balançava a cabeça concordando com o que ela tinha falado. Levantamos do banco e fomos pegar as suas coisas. Achei engraçada a bolsinha pequena de cor rosa e fitinha vermelha. Ora, não consegui entender o porquê dela chamar aquilo de bagagem, mas como um bom cavalheiro peguei a bolsa e voltei para o carro. Nem dei dois passos, e ouvi-a chamar meu nome.

— Zuc, o que está fazendo? Esta bolsa levo eu. Preciso que me ajude a levar o Manhoso.

Vocês querem tentar adivinhar quem é Manhoso? É um bichinho peludo, que gosta de esconder ossinhos e late bastante. Tomei um susto tão grande que só não saí correndo e gritando para todos os lados porque não quis ser chamado de medroso por Laís. Logo eu, o seu único herói menino, como me dizia. Manhoso pulou em

cima de mim, foi quando percebi que era maior do que eu, começou a lambar meu rosto com aquela língua enorme, latia, abanava o rabinho, pulava de um lado para o outro olhando para mim. Deixei meus óculos caírem e fiquei sem enxergar nada até encontrá-los novamente.

— Ele não é lindo, Zuc? Veja. Manhoso gostou de você. Também, falei tanto de você para ele, acho que estava curioso para conhecê-lo, comentou Laís sorridente.

Eu não estava gostando nada daquilo. O cachorro não me deixava levantar, a minha roupa estava toda amarrotada das patas dele e o meu cabelo todo lambido. Mas não podia negar a verdade: Manhoso era um cachorro carinhoso e muito bonzinho. Só o que assustava nele era o seu tamanho, até para latir era educado.

— Faça alguma coisa, Laís. Peça para ele me deixar em paz, gritei, irritado.

Laís ordenou Manhoso a ficar quieto, e ele logo obedeceu. Sentou-se na grama verde, com uma carinha safada. Ainda não tinha percebido a expressão de desilusão no rosto de Laís, quando perguntei como iríamos levá-lo. Foi com a sua resposta que percebi o quanto estava triste e decepcionada comigo.

O incrível mundo de Zuc – Capítulo II – Rosângela Trajano

— Manhoso não vai mais. Ele vai ficar aqui como um bom garoto, a minha espera, disse passando a mão na cabeça do cachorro que também parecia tristonho, pois ao invés de latir, chorava baixinho.

Fiquei sem palavras. Senti vergonha de mim mesmo. Tinha gritado com Laís, e não respeitei os carinhos de Manhoso. Desejei ser levado pelo vento naquele instante, ou quem sabe tornar-me um caroço de azeitona para poder enterrar a minha cara na terra. Quis me esconder na casinha de madeira de Manhoso. Os dois me olhavam em silêncio.

— Desculpe-me, Laís. Eu não queria lhe machucar. A gente leva ele, sim. Vamos coloque uma coleira nele.

— Coleira? Zuc, você já colocou uma coleira em Joaquim alguma vez?, perguntou, espantada.

— Não, Laís. Joaquim é um gato que posso carregá-lo nos braços sem o menor esforço. Como você acha que vou carregar o Manhoso?

— Ele não precisa ser carregado por ninguém. Manhoso é um cachorro com liberdade e vontade próprias. Não está indo conosco porque eu quero, mas porque

ele quer. Não o obriguei a gostar de você, ele simplesmente gostou de você. Faz aquilo que gosta e lhe dá felicidade, por isso é um cachorro alegre e brincalhão. Se um dia colocarem uma coleira em Manhoso ele poderá morrer de tristeza, pois desde filhote é livre para fazer aquilo que tem vontade. É preciso saber respeitar a vontade dos outros, Zuc.

De repente, o martelinho na minha cabeça diminuiu as suas pancadas. Ali estavam os conceitos de liberdade e vontade. E pela primeira vez alguém falava em vontade do jeito que eu pensava: liberdade era poder fazer algo que desejasse e vontade era o desejo de fazer algo. Ah! Agora eu sabia o que a palmeira quis dizer. Será que a mamãe ficaria triste se soubesse que a palmeira não sentia-se livre em suas mãos? A palmeira podia ter seus motivos para querer a liberdade e realizar as suas vontades. Nasceu e cresceu num velho jarro de cimento; quando as suas folhas pareciam murchas e velhas mamãe ia lá e cortava-as; se ficava um pouco doente mamãe já queria substituir por outra. É, acho que aquilo não era liberdade, a pobrezinha nunca teve o direito de reclamar, de pedir, de ser ouvida e também nunca teve suas vontades respeitadas. Quais seriam as vontades de uma planta?

— Tudo bem, vocês venceram. Vamos, Manhoso, é hora de fazermos um grande passeio.

E lá fomos nós para o carro onde papai e mamãe nos esperavam. Quando nos aproximamos mamãe perguntou o que era aquilo, olhando para Manhoso que não parava de latir, com seu jeito brincalhão. Na verdade, acho mesmo que ele não foi com a cara da mamãe, ele era igual a mim quando não gostava de alguém demonstrava logo. Eu, por exemplo, fazia um bico com a boca do tamanho do mundo.

— Este é Manhoso, mamãe. Vamos levá-lo conosco, vai ajudar papai na caça.

Salvo pelo gongo, como dizia vovô. Quando falei que Manhoso sabia caçar papai deu um pulo do banco do carro, abriu a porta, e ficou em pé, estático, diante de nós.

— Um cachorro caçador! Mas isso é brilhante! Vamos, Zuc, dê um jeito nessas caixas. Coloque uma em cima da outra e acomode o bichinho, disse papai, alegre.

Depois de alguns minutos tentando arranjar espaço no carro, finalmente conseguimos sentar no banco traseiro: eu, Joaquim, Laís e Manhoso. Mas havia caixas e plantas por todas as partes. Não podíamos nos mexer. As caixas estavam em nossos colos. Joaquim não se entendeu bem com Manhoso, e os dois tiveram que ficar longe um do outro. Acho que meu gato teve ciúmes do cachorro da Laís,

que também sentiu o mesmo. Até os animais sentem ciúmes das pessoas que amam, mas eles só estavam com medo de serem esquecidos e trocados. Coisa que às vezes acontece com os humanos. Ser esquecido é uma coisa triste, mas eu acho que triste mesmo é ter que esquecer.

Bem, amiguinhos, finalmente chegamos a nossa casa de campo. Um lugar tão belo que nem sei como descrevê-lo. Se falar das longas árvores com suas folhas verdes, das montanhas, do céu azulado, do canto dos pássaros, do barulho da água do rio, do vento e de uma casinha de madeira pequena com uma varanda e janelas em todos os cômodos, mas muito confortável, vocês poderão fazer uma ideia? Eu costumava chamar a nossa casa de campo de “doce canela” devido a cor da madeira que a formava e a doçura daquele lugar; era como o desejo de uma criança pelo algodão doce.

— Puxa, Zuc! Como a sua casa é bonita! O céu parece ficar mais perto da gente, será que dar para Deus nos escutar?, perguntou Laís, Deus, você pode me ouvir?, gritou Laís com as duas mãos nos lados da boca.

Bem, eu já tinha pensado naquilo também, mas achava que já falava demais com uma pessoa que nunca me dava respostas quando fazia as minhas orações.

Voltando a pergunta de Laís, hoje penso que em qualquer lugar do mundo é possível falar com Deus.

— Se tem vontade de falar com Deus, Laís, então fale. Não se acanhe. Aqui você pode gritar ou ficar em silêncio... fale com Ele do jeito que achar melhor.

Como sempre, antes que eu acabasse de falar, lá estava ela a fazer vários pedidos a Deus. Laís pedia tanta coisa, que a minha cabeça já estava ficando confusa, imagine a de Deus. Será que Ele tomaria nota de tudo aquilo? O mais importante era que pedia coisas não para ela, mas para o mundo. Fiquei o tempo todo observando quieto e meio sem jeito Laís ajoelhada no meio da montanha com as mãos juntas a pedir coisas belas a Deus. Ela pedia a paz para o mundo; pedia para as crianças não sentirem fome nem frio; pedia que Deus protegesse os animais e a natureza; pedia pela saúde do filho do motorista dos seus pais que estava muito doente; não a vi fazer nenhum pedido para si.

— Você não vai fazer nenhum pedido, Zuc?, perguntou depois de rezar um Pai-Nosso e ficar em pé diante de mim.

— Eu já pedi, Laís. Fiz o meu pedido em completo silêncio, mamãe me disse que Deus também escuta os nossos corações.

— E o que você pediu?, perguntou, curiosa.

— Pedi para que ele nunca tirasse você de mim porque você é a única pessoa que me compreende.

Acho que meu rosto corou ao dizer aquilo e o da Laís, também. Eu nem sei como consegui falar, saiu assim, sem pensar. Pois se fosse pensar não teria falado nunca. Há coisas que não devemos deixar para falar depois, pois às vezes pode ser tarde demais. Naquela época eu tinha apenas sete anos de idade, mas já sabia o que era amar, acreditem no amor puro de um coração infantil. Então, ela pegou na minha mão, e me convidou para corrermos por entre os verdes campos e saímos correndo. Não brincamos muito, pois tínhamos que voltar para arrumar as nossas coisas. Era engraçado eu e Laís íamos na frente conversando e sorrindo; Manhoso e Joaquim iam atrás, um brigando o tempo todo com o outro. Já estava com vergonha daquela grosseria de Joaquim.

Quando chegamos a casa Laís mal deu o primeiro passo dentro da cozinha e logo subiu em cima da mesa.

— Zuc, tem um rato nesta casa, gritou, desesperada.

O mais difícil de tudo aquilo era explicar para Laís que ali tinha todo tipo de bicho. Ratos ela encontraria aos montes, afinal eles adoravam aquele lugar! Por mais que mamãe colocasse inseticida, não tinha jeito eles sempre vinham visitar-nos. E o pobre do gato Joaquim só foi aceito pelos meus pais porque mataria todos os ratos, mas em vez disso ele vivia a brincar com os bichinhos. Para mim, aquilo sim que era amor, ver os ratinhos e Joaquim brincando no meio da casa. A amizade não faz escolhas, ela acontece.

Fiquei a olhar para Laís em cima da mesa, e a ratinha lá no seu canto, coitadinha, a puxar com força um pedaço de biscoito que tinha encontrado. Sem saber o que fazer pedi para Laís descer da mesa, mas ela se negava enquanto eu não matasse a ratinha.

— Laís eu não posso matá-la. É só um bichinho que cuida da nossa casa quando estamos longe. Venha, deixe-me apresentá-la à Anabela. Ei, Anabela, essa é a minha amiga Laís.

Laís olhava espantada para mim e não mais para a ratinha. Ora, eu falava com um bicho e ainda éramos amigos! Como conseguia aquilo? Será que ela entendia? Laís achou tudo aquilo uma tremenda tolice minha e começou a se aborrecer.

— Olha se você não espantar esse bicho para bem longe daqui eu mesma vou fazer.

Então, ela desceu de cima da mesa, pegou a vassoura e saiu correndo atrás de Anabela. Foi quando Manhoso entrou na cozinha e acompanhou a sua dona na expulsão da pobre ratinha de sua própria residência. Eu bem que tentei impedir, mas Laís quase meteu o cabo da vassoura na minha cabeça. Joaquim miava tanto que mamãe lá de fora perguntou o que estava acontecendo.

— Nada não, mamãe. São coisas de gato e cachorro, gritei pedindo a Deus que mamãe não se aproximasse.

— Pronto. Acho que nunca mais ela volta aqui. Não depois dessa surra que levou. Venha Zuc, vamos arrumar as nossas coisas.

Não dei um passo. Estava perplexo com a atitude de Laís. Na verdade, parecia que ela tinha me expulsado daquela casa e não Anabela. Estava tristonho, pois só pensava na cena da ratinha pegando a sua trouxinha de roupas e partindo. — Que frouxo, heim seu Zuc! Você bem que podia ter feito alguma coisa. Além do mais quem é a Laís diante de Anabela que sabia tudo a seu respeito?, pensei.

— Zuc, estou chamando por você. Vamos. Será que lá em cima também tem ratos?

— Não sei. Mas se tiver não vou permitir que você faça nada com eles me ouviu bem, Laís? Você não vai fazer nada, falei, aborrecido.

— O que está acontecendo, Zuc? Por que está zangado comigo?, perguntou Laís sem entender o meu aborrecimento.

Não respondi. Peguei os colchonetes, a minha mochila e subi para os dormitórios. Joaquim à minha frente. Laís logo atrás acompanhada de Manhoso. Ela tagarelava sobre tudo, tentando puxar uma conversa comigo, só que eu não estava nem aí para o que ela dizia.

Passei horas e horas arrumando o meu quarto. Na verdade, estava preocupado com Anabela. Ela foi embora sem nem se despedir de mim. Vai ver tinha ficado muito tristonha comigo. Às vezes entristecemos as pessoas que amamos sem nem nos darmos conta do que estamos fazendo, prestem atenção nisso, amiguinhos. Fiquei pensando naquilo o tempo todo. Peguei Joaquim, no colo, sentado sobre a cama e fiquei acariciando a sua cabeça. Deixei que a minha contadora de histórias se fosse. É, amiguinhos, Anabela sabia contar cada fábula linda! Mas eu não estava zangado com Laís, até entendia o gesto dela, pois todos viviam a dizer que ratos eram bichos sujos e que transmitiam doenças. Já tinha discutido sobre aquele assunto com Anabela que prometera nunca transmitir doença alguma para mim, e como prova de

ser uma ratinha limpa e higiênica cuidava bem da minha casa sempre que estávamos distantes. Além do mais, Laís não sabia da amizade que tínhamos e como explicar que era amigo de uma rata? A minha cabeça, novamente, estava confusa e meio zozna. De repente senti algo passar em cima dos meus pés, e tomei um susto.

— Anabela! O que faz aqui? Você não foi embora?, perguntei, surpreso e feliz.

— Claro que não! Ou você deseja que eu vá?, perguntou a ratinha, cabisbaixa.

— Não, não! Claro que não! Quero que fique. Estava pensando em você. Fiquei tão preocupado!

Peguei Anabela com cuidado e a coloquei na palma da minha mão direita. Assim, podia vê-la de perto.

— É, sua amiguinha não foi comigo, deu um sorriso, será que ela está com ciúmes de mim?, perguntou sorrindo mais ainda.

— Que nada! A Laís é uma boa menina. Conversarei sério com ela sobre você e verá como ela mudará de opinião ao seu respeito, procurei acalmá-la.

— Xiii, acho difícil, amiguinho! Mas não custa nada tentar. Conte para ela que além de contar histórias belas ainda faço bonecas de pano.

Anabela disse aquilo e pediu para partir. Precisava dar um jeito para arranjar um lugar onde a menina não pudesse encontrá-la com facilidade. Abandonaria o seu lar por um fim de semana. Contou-me.

Eu brincava com Joaquim quando alguém bateu na porta do meu quarto. De repente, vi o meu pai entrar todo sorridente e quando ele estava com aquela cara já podia imaginar que alguma coisa queria de mim.

— Ei, filhão, tá crescendo, heim? Bem, eu vim aqui para gente bater um papinho.

— Papinho? Puxa, Papai! Você nunca sentou para conversar comigo. Aliás, sempre que começo a falar você inventa uma desculpa e cai fora. O que está acontecendo com o senhor? É algo sério?, perguntei.

Tinha razão nas palavras que dissera ao meu pai. E de uma certa forma tinha comovido o coração dele. Não podia dizer a ninguém que tinha um pai companheiro, pois ele só se preocupava com os seus negócios e com os troféus que ganhava como caçador. Alguns pais pensam que os filhos não gostam de conversar com eles, mas estão enganados. Nunca me ensinou nada, mas exigia que tirasse boas notas e fosse o melhor aluno da escola. Lembrei-me de quando comecei a ler, e do dia que todo feliz, peguei um livro dele e fiquei folheando-o curioso, logo que

viu aquilo ele arrancou-o das minhas mãos, gritando que nunca pegasse nos seus livros sem permissão. A biblioteca ficava na casa de campo. Era o lugar ideal para ele ler sem aborrecimentos com telefonemas, reuniões e recepção de amigos. Procurei manter distância da biblioteca do meu pai, apesar dos comentários de que ali estavam os melhores livros já escritos no mundo. Mas não podia chegar perto das coleções de Shakespeare, Camões e Aristóteles. Contaram-me que meu pai tinha centenas de livros de fábulas infantis. Eu sabia daquilo pelos outros, e nunca tinha chegado perto daqueles livros. Lamentava pelo meu pai, ele me achava sem jeito para a literatura. Foi nessa história toda que conheci Anabela, pois ela me pegou, uma vez, olhando à biblioteca pelo buraco da fechadura. Assim tornamo-nos amigos. Conteí à Anabela porque fazia aquilo, ela muito sensível e meiga prontificou-se de contar-me todas as histórias que existiam naqueles livros que fui proibido de chegar perto.

O incrível mundo de Zuc – Capítulo III – Rosângela Trajano

— Olha como fala comigo, menino. Sou seu pai. Mas, dessa vez você tem razão, ando trabalhando demais nos últimos anos e quase não tenho tempo para você e sua mãe, comentou papai.

— Mamãe nunca reclamou a sua falta, papai. Ela se diverte com aquelas plantas.

— E você com esse gato pulguinto, deu uma gargalhada.

Fechei a cara. Logo percebi que eu não tinha gostado nada daquele comentário e pedi desculpas, apressadamente.

— Filho vim aqui para lhe pedir um favorzinho, passou a mão pelos meus cabelos arrepiando-os.

— Peça, papai. O que deseja de mim?, perguntei, curioso, ajeitando os óculos.

— O cachorro da sua amiguinha... será que ele poderia ir caçar comigo amanhã?

Deu um aperto na minha garganta naquele momento. Esqueci que tinha falado para papai que Manhoso era um bom cachorro de caça. Ai, meu Deus. Fiquei gaguejando sem saber o que dizer.

— Sa- sa-be, Papai. É que, que....

— É o que, Zuc, você parece que engoliu uma espinha de peixe. Tá engasgado, menino?

Tive vontade de responder que sim. Mas antes de dizer qualquer coisa, Laís entrou com Manhoso e Mamãe no meu quarto. Olhei para Laís que tinha um jarro de girassol nas mãos e mamãe ao seu lado com uma tesoura de jardim.

— Olhe, Zuc, o que a sua mãe me deu. Um lindo girassol! Vou colocá-lo à janela do meu quarto, esse fim de semana nos tornaremos grandes amigos.

Laís parecia tão feliz que nem pude reclamar do girassol que tinham arrancado do jardim, coitado. Lá estava mais um belo girassol a viver seu curto tempo de vida num vaso apertado. Será que ele queria aquilo? Seria a sua vontade viver num vaso o resto dos seus dias? Será que Laís pensou na vontade do girassol? Fingi um sorriso, aborrecido com aquela invasão no meu quarto.

— Sabe, Laís eu estava falando com o meu filho sobre o seu cachorro, disse papai sorrindo para Laís.

— Manhoso é o melhor cachorro do mundo! Sobre o que estavam falando do meu cachorro?

— Estava perguntando a Zuc se você não ficaria aborrecida caso amanhã cedo eu levasse Manhoso para um passeio.

Laís toda bondosa foi logo dizendo que não tinha problema algum. Manhoso adorava fazer passeios matutinos. Papai ficou alegre com aquilo, tentou agradecer o cachorro, foi em vão, acho que ele percebeu a sua mentira. Pelo visto Laís e mamãe já estavam bem íntimas. Aquele seria mesmo um grande fim de semana.

— Filho, você ainda não arrumou essa bagunça?, perguntou mamãe olhando as mochilas no chão, o quarto cheio de poeira e cheirando a mofo.

— Sequer abriu a janela, Zuc. Sinta como o ar é perfumado, disse Laís sempre com a voz mansa abrindo a janela do quarto, tem cheiro de canela por todos os lados.

Senti-me perdido no meio de todos. Quis fugir e pedir socorro à Anabela que acompanhava toda a cena escondida na sua nova morada atrás do velho armário de roupas.

Anoiteceu. Mamãe preparou um jantar leve e Laís tomou chocolate quente com alguns biscoitos. Joaquim bebeu leite e Manhoso comeu a sua ração. Anabela estava com fome e escondi alguns biscoitos nos bolsos do meu calção. Logo depois

do jantar papai correu à biblioteca, mamãe foi descansar deitada na rede armada no alpendre da casa. Laís foi para o meu quarto com Manhoso ao seu lado.

— Zuc, você nunca falou desse lugar para o pessoal da escola. Por quê?

— Por que acha que deveria falar?

— Porque este é um lugar maravilhoso para fazermos um acampamento! Aqui, em cima das montanhas, no meio do mato, perto do céu. Ouvindo o barulho dos grilos e o canto das corujas. Acho que os garotos da escola adorariam esse lugar!, Laís parecia sonhar enquanto falava.

— Jamais contaria. Tenho certeza que se eles vissem um rato correriam montanha abaixo e diriam a todos que na minha casa tem ratos, baratas, aranhas e fantasmas, brinquei.

— Não diga isso. Todo mundo sabe que em casa de campo é assim mesmo. Eu me assustei com aquele rato, mas não ache que vou sair por aí dizendo a todos que aqui tem ratos.

Laís pulou para cima de mim como se fosse me atacar, a gente se agarrou, e começou a brincar um com o outro. Mas, de repente, olhei para o armário e vi Anabela a me acenar apontando para a sua barriga. A pobrezinha estava com fome.

— Pare, Laís, está me fazendo cócegas. Já é hora de dormirmos. Amanhã bem cedo iremos pescar e tomar banho de rio. Acho melhor ir para a sua cama.

— Quem disse que vou dormir naquele quarto sozinha? Eu vou dormir aqui com você.

Era só o que me faltava acontecer, uma menina medrosa. Eu bem que devia saber que Laís não dormiria sozinha nunca. Aceitei como um bom cavalheiro. Ela dormiria na cama e eu num colchonete. Pedi um minuto a Laís e fingi ir buscar algo no armário; rapidamente, retirei dos bolsos do calção os biscoitos e joguei-os no chão. Mas Manhoso vendo aquilo foi mais rápido que Anabela, comeu todos eles.

— O que você está fazendo, Zuc? E você Manhoso, o que está comendo?

Achei que tinha chegado a hora de contar para Laís toda a história de Anabela. Sentei-a, pedi que me escutasse com bastante atenção e fui falando devagar. Ao final da história Laís sorria sem parar de mim.

— Por que está inventando esta história para mim? Quer me mandar dormir diga logo, não precisa me enrolar.

— Não estou enrolando, Laís. Anabela é uma ratinha muito bondosa além de uma grande amiga.

Então, fui ao armário, me abaixei e coloquei Anabela na palma da minha mão. Ela estava toda elegante num vestido amarelo e de lenço vermelho sobre a cabeça.

— Laís, esta é a minha amiga e contadora de histórias Anabela. Quero que vocês se tornem amigas. Chega de confusão nesta casa e de mentiras.

Pensei que Laís fosse desmaiar ao ver Anabela, mas reagiu bem diferente do que imaginei. Aproximou-se da palma da minha mão e cumprimentou a ratinha que feliz retribuiu o cumprimento.

— Desculpe-me pelas vassouradas. É que morro de medo de ratos. Mas rato amigo de Zuc, também é meu amigo. Tudo que ama Zuc também tem o meu amor.

Fiquei lisonjeado com aquela frase. Laís sabia fazer cada elogio que me deixava corado de vergonha.

— Olhe, menina, eu moro aqui há muitos anos. Vi seu amiguinho nascer e crescer. Gosto muito dele.

— É verdade que você conta histórias? Que fantástico! Uma ratinha contadora de histórias! Isso é fabuloso, Zuc!

— Conto histórias, lavo pratos, limpo a casa, cuido das plantas e ainda faço bonecas de pano.

Eu apenas observava as duas conversarem. Em silêncio completo não queria atrapalhar aquele momento tão especial para Laís. Talvez Anabela fosse a última ratinha com inteligência na terra e Laís guardaria aquele momento para o resto da sua vida.

— Você faz bonecas de pano?!, perguntou Laís com os olhos brilhantes.

— Faço, sim. Quer dizer, faz muito tempo que não faço. Há muitos anos antes de vir morar aqui morei numa casa de campo onde tinha uma menininha que vivia a chorar por uma boneca. Então, um dia, nas minhas andanças vi uma revista que ensinava a fazer bonecas de pano, li e reli, acabei aprendendo. Fiz para ela muitas bonecas de todas as cores. Até que um dia ela morreu e a casa ficou muito triste, tão triste que não quis mais morar lá e vim morar aqui com Zuc.

— Sinto muito pela sua amiguinha, Anabela. Ficaria muito grata se me fizesse uma boneca de pano bem linda!

Manhoso viu Laís conversar com Anabela e começou a latir. Joaquim logo o calou dando-lhe uma bola de futebol para brincar. Orgulhei-me do meu gato, ele agia no momento exato.

E assim Laís e Anabela tornaram-se amigas. Fiquei muito feliz com as duas. Dei cobertores para Laís se aquecer e proteger-se do frio. Deitei-me no meu colchonete tendo ao meu lado o gato Joaquim. Anabela nos contou a história do Patinho Feio, de um famoso escritor chamado Andersen.

— É uma pena que as pessoas só gostem do que é bonito, falei pensando no patinho da história.

— Coitadinho sofreu um bocado diferente de todos os outros. Ainda bem que essa história tem um fim bom, disse Laís quase dormindo.

— Não existe ninguém feio, cada um de nós tem algo de belo, que não se vê em espelhos de vidro nem com os olhos. Feio é aquele que só enxerga o corpo por fora e esquece que lá dentro tem uma alma que é o segredo da beleza., falou Anabela.

A ratinha fechou o livro. Todos dormimos rápidos. Estávamos cansados da viagem e dos afazeres da casa. Precisávamos descansar. Enquanto dormíamos Anabela foi

costurar a boneca de pano de Laís. Capricharia naquela boneca porque aquela menina parecia uma princesa. E Anabela nunca fez bonecas para princesas.

O sábado amanheceu ensolarado. O céu azulado como sempre e o cheiro das árvores entrava pela janela do nosso quarto. Anabela acordou-nos bem cedo, como havia prometido. Mas eu estava com preguiça e não queria me levantar. Então, Joaquim e Manhoso partiram para cima de mim, um puxava o lençol o outro brincava com o meu pé. Daquele jeito tinha mesmo era que acordar de uma vez por todas. Laís não deu trabalho para acordar e logo aprontou-se para o passeio.

— Ande Zuc, estou louca para pescar, disse Laís encostada à janela do quarto.

— Espero que mamãe tenha preparado bananas fritas com canela para a gente. Eu sei que você adora e eu também.

— Você sabe quase tudo de mim, Laís falou, baixinho.

— O que disse, Laís?, perguntei, curioso, fingindo não ter ouvido.

Achei muito estranha aquela frase de Laís, ela sempre dizia aquilo, e eu sempre fingia não ouvi-la direito. Só depois de muitos anos é que descobri o segredo da minha amiguinha e passei a chamá-la nas cartas que lhe escrevi e nunca lhe mostrei de “A menina que escondia um segredo”. Fiquei muitos dias pensando no que ela

tinha falado, mas só depois de adulto é que vim descobrir o por quê daquela frase que sempre soava baixinho e saía como se ela tivesse muito medo de algo que me escondia. Eu não entendia por que não podia saber aquele segredo de Laís, nunca escondi nada dela. Mas vivia a me dizer que era uma coisa só dela, e que como um bom amigo eu não devia insistir para contar algo que não queria. E me silencieei durante cerca de vinte anos, no dia três de julho de um mil novecentos e noventa e três, descobri que Laís tinha uma doença incurável, e estava morrendo. Naquela data, eu já tinha terminado a faculade era um médico numa cidade longe da nossa, mas assim que recebi a notícia de que ela estava muito doente, eu me lembrei do tubo que mais tarde falarei para vocês e que Anabela tanto tinha me recomendado a voltar para pegá-lo, corri como um louco para chegar a tempo, mas parei diante da porta de entrada do seu quarto a fitá-la dormindo para sempre, eu não consegui? Vocês saberão até o final da história e poderão me julgar se agi certo ou errado. Só sei que Laís não podia partir. Não naquele momento.

Mas voltemos ao que estava contando, ao passeio inesquecível com a minha melhor amiga. Depois do café da manhã fomos à pesca. Mas antes tenho que relatar um episódio engraçado que me fez morrer de rir: papai e Manhoso. Papai vestiu-se todo como um experiente caçador: de mochila nas costas para carregar a caça e rifle nas mãos lá estava ele a chamar por Manhoso. Quando Laís viu aquilo teve vontade de se aproximar de papai e dizer-lhe que seu cachorro não sabia caçar, mas

pedi-lhe para que ela permitisse a Manhoso fazer aquilo. A cena engraçada mesmo era que nem Laís conseguia tirar Manhoso do canto enquanto papai estava ali parado à sua frente esperando que ele se levantasse e começasse a segui-lo estrada a fora. Manhoso nem se mexia, só fazia balançar o rabinho. Papai ficou ali parado pensando que o cachorro estava gozando com a sua cara, de tanta raiva meteu-se mata a dentro, sozinho. E o cachorro correu atrás de nós dois que já estávamos a caminho do rio. Joaquim ficou do meu lado o tempo todo, adorava as minhas pescarias. Ele não comia os peixes que eu pescava, mas gostava de me ver enchendo a cesta de peixes.

Eu e Laís sentamos um do lado do outro na ponte que dava acesso ao rio. Era um belo lugar rodeado de árvores e um céu muito azul. A água verde com grandes sombras das árvores e límpida permitia que víssemos o nosso rosto desenhado nela. Preparei a minha isca e a de Laís. Estávamos usando minhocas. Jogamos as varas no rio e ficamos ali quietinhos um olhando para o outro à espera de um grande peixe. Passados alguns minutos o sol já deixava o rosto da minha menina branquela bem vermelhinho, vi quando a sua vara começou a ser puxada, Laís pegou um peixe! Rapidamente ajudei a puxar a vara, parecia ser um daqueles peixes enormes, pois pesava muito. Manhoso latia contente e Joaquim miava dando pulos de

alegria. Vocês não vão acreditar no que aconteceu quando o grande peixe apareceu preso à linha de pescar, ele simplesmente olhou para nós dois e falou:

— Ai estou morrendo, vocês estão me matando! Por que não procuram gente do tamanho de vocês para matarem? Ai, me ajudem, não me deixem morrer. Sou pai de família, tenho muitos filhos para criar e a minha esposa me espera para o almoço. Peguem outros peixes, há tantos peixes sem família espalhados por aí, e pelo que vejo a barriga de vocês é muito pequena para caber eu dentro. Me ajudem, estou morrendo.

Eu fiquei parado segurando a vara com os olhos esbugalhados olhando aquele peixe enorme falar com a voz fraca. Laís deu um pulo e se pôs em pé ao lado de Manhoso que não parava de latir. Já tinha visto de tudo naquela casa de campo, mas um peixe falante era demais para mim. Então, sem falar palavra alguma, sem ao menos olhar para Laís, pus o peixe na madeira da ponte, retirei o anzol da sua garganta e quando ia jogá-lo ao mar ele falou:

— Obrigado, garoto. Você salvou a minha vida. Não desanime, vai pescar muitos outros peixes. Podem continuar pescando, mas só peguem aqueles peixes de

tamanho médio e que não tenham filhotes para dar de comer, senão correm o risco de estarem destruindo o ecossistema.

— Ecossistema?!, exclamou Laís espantada com a inteligência do peixe.

— Sim. Nesse rio tem peixes de várias espécies. Se vocês começarem a pescar sem saber quais as que estão em extinção poderão destruir uma espécie e contribuir para a destruição do meio ambiente. Também não joguem restos de comida no rio nem nada que possa poluí-lo.

Resolvemos não mais pescar depois de tudo aquilo. Então, Laís teve uma brilhante ideia: tomar banho de rio. Mas preocupava-me a saúde da minha amiga. Ela era tão frágil e o sol já estava muito quente, ainda mais o rio tinha lugares que eram profundos e não sabia se Laís conseguiria nadar tanto. Mas antes que eu dissesse qualquer coisa vi a minha amiguinha tirar a roupa de cima e apenas de calcinha branca cair no rio sem se dar conta do perigo. Rapidamente tirei as minhas botas e também pulei na água. Foi a coisa mais maravilhosa que eu e Laís fizemos naquele dia, passamos mais de duas horas tomando banho de rio, brincando, jogando água um no outro, nadando e apostando quem chegava primeiro do outro lado.

Voltamos à nossa casa, mas apenas para um rápido almoço. Não podíamos perder tempo, era hora de fazer uma visita pela floresta. Queríamos colocar em prática os ensinamentos dos escoteiros que só conhecíamos através dos livros.

Laís andava saltitando igual a Joaquim. Manhoso era mais preguiçoso e caminhava lentamente. Eu, ia na frente meio valente e desbravador da selva. Estávamos brincando de caçadores, mas éramos pessoas boas, pois caçávamos alegria e felicidade, na verdade, procurávamos por duendes que diziam estarem escondidos nas florestas.

Eu já estava cansado de tanto andar por cima de pedras, troncos de árvores, galhos e folhas secas. Mas, o resto da minha turma não estava nem aí para o meu cansaço. Eles queriam era encontrar os duendes. Sentei-me em cima de uma enorme pedra no meio da floresta verde, com as suas enormes árvores e passei a mão no meu rosto suado. Já passavam das quatro horas e até aquele instante nada de duendes, fadas madrinhas ou qualquer coisa parecida. Porém, Laís insistia que encontraria um. Eu já estava desistindo daquela história de Anabela dizer que tinha duendes na floresta, só mesmo as histórias dela. Ainda mais tinha que esperar Laís desistir daquela ideia, o que era difícil. Bem não me sento e escuto alguém falar, perto de mim, dou um pulo de espanto:

— Ei, rapaz, olha onde senta você quase me mata, tá?, disse um homenzinho encostado a minha bota.

Meus cabelos ficaram eriçados, a minha pele também. Não acreditava no que via, tirei os óculos, limpei-os e os pus, novamente. Ali estava um verdadeiro duende, pelo menos era do jeito que Anabela tinha nos contado. Ele usava um gorro na cabeça e tinha umas roupas de campo além de botas de couro. Quando ia gritando por Laís ele me pediu silêncio.

— Por quê? A Laís está louca para conhecer vocês! Permita-me chamá-la, supliquei.

— Tenha calma, rapaz. Estamos preparando uma surpresa para sua amiga. Não é todo dia que encontramos gente boa por aqui. Aliás, você já nos é conhecido de muito tempo, sabia?

— Eu?! E por que nunca falaram comigo? Quero dizer por que nunca pude vê-los?

— Ora, só quem pode nos ver de verdade são aquelas pessoas que acreditam em nós. A crença da sua amiga era tão grande que passou para você. Mesmo sem querer você começou a acreditar que existíamos e aqui estamos.

— Tem mais? Onde estão os outros?

— Ali, e o duende apontou para dezenas de outros que saíam das suas casas para vir ao nosso encontro.

O incrível mundo de Zuc – Capítulo IV – Rosângela Trajano

Eles fizeram um círculo em volta de Laís, colocaram no seu pescoço um colar de pedras pequeninas e começaram a cantar para ela.

Assim, Laís maravilhada com tudo aquilo esqueceu completamente a minha presença. Senti ciúmes daqueles duendes por alguns instantes, mas logo que perceberam me arrastaram para perto dela e me fizeram entrar na dança, também. Os duendes nos mostraram as suas casas, os seus trabalhos artesanais e nos contaram muitas histórias engraçadas. Pudemos até fazer pedidos a eles. E o meu pedido foi um dia poder entrar na biblioteca do papai e ler todos os livros que existiam lá. Passamos o resto da tarde ao lado deles e nem nos demos conta que a noite se aproximava rápida.

No jantar, papai estava furioso com Manhoso e nem olhava para mim e Laís. Parecia até que tínhamos culpa pelas brincadeiras do cachorro. Mamãe preparou panquecas, leite com chocolate, biscoitos de milho e bolinhos de batata-doce. Comi tudo o que tinha na mesa, estava faminto. Quando terminamos, eu e Laís, pedimos licença para nos retirar, mas papai nos interrompeu dizendo:

— Meninos, por que não aproveitam para estudar um pouco? Na biblioteca tem alguns livros que vocês podem ler ou estão cansados e preferem ir dormir?

Nem acreditei ao ouvir aquilo. Olhei para janela da sala e lá estava um duende sorridente ao lado de Anabela a piscar o olho para mim. Espertinho! Pedido realizado. Fiquei tão feliz que nem sabia o que dizer. Então, Laís vendo meus olhos brilharem disse a papai que iríamos à biblioteca naquele momento. Ele nos fez muitas recomendações, mas nós nem ligamos para o que falava. Sabíamos a importância de um livro e claro que cuidaríamos deles.

Entramos na biblioteca prontos para passar a noite lendo. Encantei-me ao ver tanto livro decorando as estantes. Tinha livros antigos, escritos antes mesmo do nascimento de papai. Recordei-me do vovô, diziam que ele adorava ler e escrever. As únicas coisas que escrevi na minha vida foram cartas para Laís as quais nunca a mostrei. Eu nunca fui bom na escrita nem nos números. Meu raciocínio era lento demais, nem sei como cheguei à faculdade de medicina. Laís sentou-se no chão, ao seu lado estavam Anabela e Manhoso. Tinha um livro bem grosso nas mãos.

— Zuc, sabe que os livros têm respostas para todas as nossas perguntas?

— Anabela me contou uma vez. Disse que nos livros aprendemos muitas coisas, respondi sorridente.

— Este livro é de Filosofia. Você sabe o que é Filosofia?

— Não. Já ouvi falar nessa palavra na escola, mas nunca soube o seu significado.

Sentei-me ao lado de Laís. Coloquei Joaquim no colo e acariciei a sua cabeça enquanto ouvia a leitura da minha amiga.

— Filosofia, amor pela sabedoria. É o que está escrito aqui. Tem mais coisas. Filósofo é aquela pessoa que procura o saber.

— Então Platão é um filósofo?, perguntei, espantado.

— Platão e muitos outros, respondeu Laís folheando o livro.

— Foi ele quem escreveu “A República”. Aquele livro que fala da justiça e tem o mito da caverna onde um homem se liberta e sai à procura do conhecimento. Foi um dos maiores filósofos da história. Também existiu Aristóteles, Montaigne, Hume, Kant..., Laís lia cada página com bastante atenção.

— Aristóteles ficou conhecido pelo princípio da não-contradição. Aquela coisa que diz mais ou menos assim: A ou não A. Ou você é uma coisa ou não é, assim é a lógica Aristotélica. Olhe que bonito, Zuc: Montaigne tinha um amigo que amava

muito, acho que eles eram assim como nós dois quando seu amigo morreu ele ficou muito triste.

— O que você pode ler de Platão para mim?

— Posso ler um dos diversos mitos que ele escreveu. Quer ouvir? Irei ler o Mito da Caverna que fala da ignorância e do conhecimento. Escute.

— Sim, claro que sim.

Laís contou o mito da Caverna encontrado no livro *A República*, escrito por Platão há muitos séculos. Era uma história muito bonita. Se vocês se interessarem peçam para os seus pais lerem para vocês tenho certeza que gostarão. Depois, Laís leu sobre outros filósofos menos conhecidos, mas que muito contribuíram para a história da filosofia. Tínhamos nas mãos diversos livros dos mais famosos pensadores da filosofia.

Ficamos a noite inteira na biblioteca. Cada livro que pegávamos era mais interessante do que o outro. Lemos sobre tudo um pouco. Depois da Filosofia vieram as artes e conheci um pouco de Michelangelo, Renoir e Raumbbrandt. O que nos encantou de verdade estava escondido numa grande caixa de papelão embaixo do birô de papai, dentro dela muitos livros de histórias infantis. Anabela não suportou o sono e foi deitar-se mais cedo. Joaquim e Manhoso também acabaram

adormecendo ao nosso lado. A casa estava toda em silêncio. Só o barulho das páginas do livro que nós líamos. Lemos a história de Romeu e Julieta escrita por Shakespeare. Era uma linda história de amor. Todas as histórias falam de amor, de todas as formas de amar. Lemos também as cartas do poeta português Mário de Sá Carneiro para Fernando Pessoa, seu grande amigo.

— Laís, será que um dia poderemos escrever um livro assim?, perguntei já com uma vontade tremenda de ser um escritor.

— Qualquer pessoa pode escrever sobre o que quiser, Zuc. Escrever é uma arte. Alguns, claro, têm essa arte na alma e já nascem com ela, outros necessitam desenvolvê-la. Você pode começar sentando em algum lugar que lhe dê prazer com uma folha de papel e um lápis nas mãos escrever sobre algo que deseja.

— É como escrever uma redação?

— Mais ou menos. A redação é pequena e limitada. No seu texto, você pode optar por escrever uma poesia, um conto, uma crônica, um romance. Está pensando em escrever algo, Zuc?

— Não, apenas curioso, menti.

Daquele dia em diante escrevi mais e mais cartas para Laís em linhas tortas e palavras confusas, mas que tinham amor, muito amor, para a menina que escondia

um segredo sobre a nossa amizade. Contava tudo o que sentia por ela e já que em meu texto podia fazer perguntas perguntava-lhe que segredo ela escondia de mim, uma vez que éramos amigos e entre amigos não existem segredos. Escreveria cartas para o meu avô que nunca tinha conhecido, nelas poderia falar o que quisesse ninguém teria acesso aos meus escritos, apenas eu e quem sabe Anabela pudesse ser minha crítica literária. Entusiasmei-me com aquela ideia e enchi os olhos de brilho.

— Se eu pudesse entrar num desses contos de fada que acabamos de ler desejaria ser Cinderela, comentou Laís.

— Para quê? Você já tem muito dinheiro, perguntei, sorridente.

— Porque eu queria ter uma noite diferente de todas as que já tive, Laís parecia distante e percebi uma lágrima molhar seu rosto.

— Por que está chorando, Laís? Você pode ser Cinderela. Nós somos as nossas vontades, passei a mão no seu rosto enxugando uma lágrima.

Eu não sabia o que Laís desejava. Ah! Se eu soubesse que tudo o que ela queria era ter uma noite feliz sem a sombra da doença que a perseguia há anos. Juro, a vocês amiguinhos, que não entendo por que Laís nunca me contou da sua doença. Acho que ela quis me poupar da sua dor.

O dia amanheceu rápido e o sol entrou pela janela da biblioteca dando-nos bom-dia. Dormimos sobre os livros. Joaquim e Manhoso também dormiram conosco. Anabela e os duendes desapareceram. Acordei com o corpo todo dolorido de ter dormido ali, em cima daquele tapete, no chão duro. Empurrei os livros para um lado e olhei para Laís deitada ao meu lado. Ela ainda dormia como um anjo, mas achei que já era hora de acordá-la. Mas, Anabela me interrompeu causando um susto enorme!

— O que foi, Anabela? Você me assustou, ainda bem que já tinha os cabelos arrepiados por vida.

— Não acorde Laís, agora. Ela está tendo um lindo sonho, Anabela falou baixinho, quase não deu para ouvi-la.

— Que sonho? Como sabe que ela está sonhando?, fiquei confuso.

— Ela queria ser Cinderela por uma noite. Está sendo. Só que a noite ainda não acabou para ela. Quando ela acordar você terá uma surpresa.

Achei que Anabela sabia do segredo de Laís. Quis perguntar-lhe, mas não podia entrar na intimidade da minha amiga sem que ela permitisse. Fiquei por quase duas horas sentado, a esperar que Laís acordasse. Até que depois de um certo tempo ela abriu os olhos e olhou para mim como se tivesse vivido um conto de fadas.

— O que estamos fazendo aqui? Nós não estávamos num baile?, perguntou ainda meio sonolenta.

— O baile já acabou. Agora voltamos para casa. Você dormiu demais e nem percebeu.

— Você me deu uma porção mágica. Onde está ela?, Laís levantou-se e começou a procurar a tal porção no meio dos livros.

Eu não estava entendendo nada, mas pelo visto estava no sonho dela. No conto de Cinderela não existe porção mágica, mas um sapatinho de vidro e um príncipe que sai à procura da dona do sapato perdido. Por que ela estava procurando uma porção mágica? Que importância tinha aquela porção? Será que Anabela tinha mudado um pouco a história?

— Eu preciso da porção mágica para poder continuar a viver senão irei morrer em breve!, exclamou Laís com o olhar novamente tristonho.

— Calma, Laís. Foi só um sonho. Ninguém morrerá aqui. Nós somos crianças, cheias de saúde, e temos uma linda vida pela frente, tentei acalmá-la, mas foi em vão.

A porção mágica era muito importante para Laís. Passou um grande tempo procurando por ela em todos os lugares que possam imaginar dentro do escritório. Eu ajudei-a a procurar. Afinal tudo que era importante para a minha amiguinha, também era para mim, mesmo que aquilo não passasse de coisas de um sonho. Depois de algum tempo com rostos desiludidos, depois de desarrumarmos tudo, não achamos a tal porção mágica. Laís subiu para o quarto meio tristonha, eu levei Joaquim e Manhoso para darem uma volta pelas redondezas da casa. A minha cabeça estava confusa com tudo aquilo.

Era domingo e não podia deixar Laís trancada naquele quarto a pensar numa porção mágica. Procurei Anabela por todos os locais da casa, mas não a encontrei. Alguém precisava fazer alguma coisa. Então, resolvi bater à porta do seu quarto, convidando-a para darmos um passeio até a caverna misteriosa. Eu nunca tinha entrado na caverna, pois morria de medo do escuro e de encontrar um bicho lá dentro que me fizesse algum mal. Mas a minha ideia deu certo, Laís abriu a porta do quarto com os olhos vermelhos de tanto chorar e me deu um forte abraço.

— Eu não consigo entender por que você ficou tão triste com essa porção mágica, Laís. Foi só um sonho. Estive ao seu lado o tempo todo.

— Esteve, sim. E foi você quem me deu a porção mágica. Você quem a criou. Você quem salvaria a minha vida.

— Salvar a sua vida? E você corre perigo? O que esconde de mim?

— Nada. Vamos tomar o nosso café da manhã e depois quero visitar a caverna com você.

Para chegar à caverna tínhamos que andar muito, atravessar o rio, passar pela cachoeira, subir e descer montanhas, entrar mata a dentro até chegar próximo das enormes pedras cobertas por arbustos no meio da floresta. Era uma longa caminhada. Levamos uma bolsa com água, comida e material para primeiros socorros, caso fosse necessário. A história do sonho de Laís ainda me intrigava fortemente, mas fingi ter esquecido tudo para não deixá-la preocupada. Manhoso e Joaquim caminhavam na frente, eu logo atrás e depois Laís. Ela era a última da turma porque queria protegê-la de qualquer mal. Sentia-me um herói quando estava ao lado dela. Era a única pessoa que não me achava um menino tolo e medroso. Mas, se Laís escondia alguma coisa de mim, eu nunca escondi dela que tinha medo do escuro, de ficar sozinho e, principalmente, de avião. Vivia a dizer-lhe que nunca voaria de avião na minha vida, mas foi por ela que voei mais de vinte horas só para poder encontrá-la viva.

— Você está muito apressado, Zuc. Espere por mim., Laís andava tão devagar que às vezes tinha vontade de carregá-la em meus braços.

— Precisamos andar rápido senão chegaremos muito tarde na caverna, disse diminuindo meus passos, tive pena dela.

— Zuc, você já entrou nessa caverna antes?

— Eu não. Estou indo porque sei que você vai me dar forças para conseguir vencer o medo. Eu sou louco para conhecê-la por dentro, mas você sabe como eu sou medroso para essas coisas, lamentei.

— Não se preocupe, estou com você. Não permitirei que nada aconteça. Além do mais você fica com essa história de medo só para me enganar, na verdade é um menino muito corajoso.

De repente, tropecei numa pedra e caí batendo com a cabeça no chão. Meu boné também caiu e foi levado pela água. Meus óculos ficaram meio amassados, mas não chegaram a quebrar. Feri o joelho com um arranhão. Laís correu atrás do boné e conseguiu alcançá-lo. Enquanto arrumava meus óculos no rosto. Ela ficou preocupada com o meu arranhão, achou que deveríamos voltar, mas insisti em continuar.

Quando chegamos à caverna de pedra Laís ficou fascinada. A entrada era bem apertada. Não conseguimos entrar com as mochilas. Joaquim e Manhoso foram recomendados a ficar do lado de fora. Lá dentro tudo estava escuro, mas cada um

de nós levava uma lanterna nas mãos. Não imaginávamos encontrar um espetáculo da natureza tão belo! Havia água na caverna e esculturas formadas pelos pingos da água que caíam lá de cima. As paredes tinham lodo e as pedras formavam um cenário muito belo, pareciam ter sido desenhadas por algum escultor. Uma delas parecia o corpo de uma mulher. Encontrei uma aranha numa grande teia e comecei a gritar assustado. Laís aproximou-se de mim e sorriu baixinho.

— Está sorrindo de mim? Pode sorrir eu tenho medo e não escondo de você. Parece até que você não tem medo também, subiu em cima da mesa com medo de uma ratinha, disse, zangado.

— Estou sorrindo é do medo que você causou a pobrezinha da aranha. Zuc, esqueceu que nós estamos invadindo a morada dela. Não fomos convidados para vir até aqui.

Fiquei em silêncio por alguns instantes. Olhei a aranha quieta lá na sua teia a simplesmente me olhar. É, talvez Laís tivesse razão. Quem sabe não fui eu quem assustei a coitadinha. O medo passou. Mas, meu rosto estava suado e as minhas pernas tremiam quando nem tinha me recuperado totalmente do medo pisei em cima de algo mole e quando olhei vi um sapo saltar à minha frente. Dessa vez Laís nem se aproximou de mim porque ela também morria de medo de sapos. Porém, lá

no seu canto não deixou de zombar das minhas trapalhadas. De repente, Laís encontrou gotas de água que saíam da parede da caverna. Me chamou espantada para ver a cor da água, era de um azul intenso. Retirei do bolso da minha calça um pequeno tubo onde guardava as minhas balas de mascar, e coloquei sobre a pedra embaixo das gotas d'água. Laís quis beber da mesma, mas não permiti. Não sabíamos se era saudável ou não, era melhor tomar cuidado. Visitamos toda a caverna em pouco tempo, não era grande. Acabamos descobrindo que ela dava para um bom esconderijo secreto. Estávamos exaustos quando Laís escorregou e bateu com a cabeça numa pedra, cortando o supercílio direito. Rapidamente, procuramos ir para fora da caverna, pois o corte sangrava bastante. Lá fora peguei a minha mochila e tirei o álcool, limpei o ferimento com algodão e coloquei um esparadrapo até chegarmos em casa e pedir ajuda a mamãe. Porém, Laís não esqueceu da água que tínhamos visto. E me pediu para voltar e pegar o tubo que tinha deixado enchendo. Fui buscá-lo, apressado, pois não queria deixá-la sozinha por muito tempo. Pedi para Manhoso e Joaquim cuidarem dela enquanto estava dentro da caverna. Quando peguei o tubo e fui fechá-lo uma luz forte saiu de dentro dele, fiquei tão assustado que deixei-o escorregar das minhas mãos e caiu nas águas profundas, desaparecendo. Ainda tentei pegá-lo, mas tive receio de escorregar nas pedras lodentas. Voltei, tristonho, ao encontro de Laís que não gostou nada de saber daquilo. Mas, prometi-lhe que voltaríamos ali só para procurarmos pelo tubo.

O incrível mundo de Zuc – Capítulo V – Rosângela Trajano

Na volta percebi o cansaço de Laís. Também pensei nos meus pais que já deviam estar com as coisas todas preparadas para voltarmos. O fim de semana acabou. Chegamos em casa exaustos e todos sujos. Mamãe ficou preocupada com o corte de Laís e rapidamente fez um curativo melhor do que o meu. Subi para os quartos e arrumei as minhas coisas e as de Laís. Papai ainda me deu um puxão de orelhas pelo desaparecimento, mas depois tudo ficou em paz. Anabela apareceu puxando uma boneca que dava quase cinco do tamanho dela.

— O que é isso? Para onde vai com essa boneca?, perguntei dobrando meu colchonete.

— É um presente para a sua amiguinha. Zuc, preciso lhe falar algo, disse Anabela, preocupada.

— O quê? Você parece preocupada. O que aconteceu?, encostei na cama, passei uma perna sobre a outra e dobrei os braços para escutá-la, com cuidado.

— Você tem que pegar aquele tubo com água que deixou cair lá na caverna e dar para Laís beber, Anabela falava tão sério que me deixou curioso.

— Por quê? O que tem aquela água? E por que Laís precisa bebê-la?

— Não me faça perguntas. Não posso dizer mais nada além disso. Volte e procure o tubo. A água que está dentro daquele tubo é a porção mágica que Laís viu no sonho, ela precisa dessa água. Mas só serve a que já está no tubo. Lembre-se disso. Volte e encontre o tubo que deixou na caverna.

— Anabela, isso não é justo. Vocês não podem esconder as coisas de mim, disse, zangado.

— Há coisas que é melhor não sabermos, Zuc. Não esqueça disso nunca. Respeite o sentimento de Laís e o silêncio dela, e respeite o meu também. Esta é a boneca de pano que fiz para ela. Está machucada e com certeza não subirá até aqui. Se você pelo menos tivesse segurado na mão dela, talvez não tivesse caído. Zuc, lembre-se que as outras pessoas também têm medo, apenas não têm a coragem de demonstrar como você faz.

— Como sabe que Laís está machucada? Que conversa de medo é esta?, estava intrigado com Anabela.

— Laís viu uma cobra perto de você. Quando ela quis tentar afastá-la sem que você percebesse, acabou escorregando. Ela estava preocupada com você. Segure a mão de quem você ama sempre para não permitir que essa pessoa parta sem sentir a sua presença. Não esqueça de tudo isso que estou lhe dizendo, Anabela largou a boneca nos meus pés e foi embora.

Estava divagando em meus pensamentos quando papai gritou por mim. Então, Anabela estava na caverna o tempo todo conosco e não conseguimos vê-la. Laís quis me proteger e acabou se machucando. O tubo com a água eu tinha que achar, mas não sabia como ou se teria coragem de voltar sozinho naquela caverna. Era muito para a minha cabeça. Voltei a arrumar as minhas coisas, depois pensaria em tudo aquilo. Meus pais já estavam bravos demais comigo.

O fim de semana terminou. No caminho de volta, Laís esteve o tempo todo silenciosa, segurando com força a boneca que ganhou de Anabela. Tentei puxar conversa com vários assuntos, mas ela não estava nem aí para mim. Só quando já estávamos bem perto da sua casa, ela me olhou com os olhos bem abertos e me fez a seguinte pergunta:

— Você vai voltar para pegar o tubo com a água?, perguntou com a voz doce como sempre.

Prometi que sim, mas cruzei os dedos sem que ela visse. Do jeito que era medroso, voltar naquela caverna sozinho era impossível. Só se alguém fosse comigo. Mas pensei no pedido de Anabela, também. E achei que aquela água no tubo devia ter uma grande importância para Laís. E promessas devem ser cumpridas, mas eu tinha

muito tempo para fazer aquilo. Podia esperar ficar adulto, forte e corajoso para voltar até lá. Papai vivia me dizendo que logo logo eu seria um grande homem. Deixamos Laís e Manhoso em sua casa. Ela me deu um grande abraço. Prometemos chegar bem cedo na escola para conversarmos um pouco antes da aula começar. Quando voltava para o carro dos meus pais ela me chamou, eu voltei e recebi um outro abraço mais forte ainda ouvindo as palavras que jamais esquecerei em toda a minha vida:

— Você me faz feliz. Você tem nas suas mãos o poder de me fazer viver por um longo tempo. Pense nisso, Zuc. Só você é capaz de me ajudar. Volte e pegue o tubo.

Laís disse aquilo e ultrapassou os portões que davam entrada para os jardins da sua casa. Estava do outro lado. Era a menina rica. A menina que tinha tudo que desejasse ou quase tudo, porque a riqueza não pode comprar a sua saúde. Assim que entrei no carro papai reclamou de Manhoso dizendo que ele só deu trabalho; mamãe disse que Laís era muito mimada e que também tinha dado muito trabalho. Pediram para na próxima vez eu levar outra pessoa. Fiquei muito magoado com aquilo, mas não falei nada. Meus pais nunca entendiam as minhas palavras.

Achavam que tinham razão em tudo, além do mais não respeitavam as minhas vontades. Preferi ficar pensando nos duendes, em Anabela, na caverna, nos livros.

Todos os dias Laís me cobrava o tubo com a água que deixei na caverna. Cheguei um dia a sonhar com Anabela me fazendo essa mesma cobrança. Eu achava tudo aquilo bobagem, até que um dia feito menino traquino e sem imaginar as consequências da minha ação peguei um tubo que tinha em casa parecido com o que deixei na caverna, enchi-o com uma água meio azulada que consegui misturando com tinta e entreguei-o para Laís.

— Aqui está seu tubo. Criei coragem e fui buscá-lo, entreguei para Laís que só faltou arrancar meu coração de tanto me agradecer batendo nele.

A minha consciência pesava. Laís tirou um lenço branco da sua bolsinha e me deu de presente. Ele tinha as suas iniciais. Foi a melhor forma que encontrou para me agradecer. Era um lenço lindo! Ainda mais quando Anabela vinha às minhas lembranças, me alertando para a coisa feia que eu fiz. Tive medo de me arrepender mais tarde, mas não podia voltar ou podia? Anabela disse que sim, bastava explicar para Laís que ela entenderia, mas eu não tive coragem de desmentir o que estava feito. Além do mais, ela estava tão alegre com o tubo que era melhor deixar tudo

como estava. Porém Anabela vivia me dizendo que eu me arrependeria do que fiz e nunca me perdoaria por aquele gesto tão covarde e mesquinho da minha parte.

— Zuc, quem te deu esse chapéu de palha?, perguntou ela olhando para o meu chapéu.

— Foi o vovô. É que nós estamos indo pescar. Passei aqui só para entregar o tubo.

— Você está engraçado com esse chapéu. Não quer dar ele pra mim?

— E o que vai fazer com um chapéu desses, Laís? Esses chapéus são feitos usar no campo, perguntei, curioso.

— Ora vou usar aqui em casa. Vai ser bem engraçado dar um clima de campo por aqui. Me dá ele, vai. Um dia eu devolvo.

— Ta bom, é seu. Espero que o vovô não se aborreça comigo. Faça bom uso dele. Até que fica bonito em você. Está parecendo uma camponesa. A minha camponesa.

Realmente Laís ficou bela com aquele velho chapéu de palha. É claro, não combinava nada com as suas roupas de seda, mas combinava com o seu sorriso e a sua felicidade. Eu me despedi e fui embora meio sem graça pela mentira. Jurei a mim mesmo e a Anabela que iria à caverna pegar o verdadeiro tubo com a água, e depois contaria tudo para Laís. Não era justo fazer aquilo. Meus pais não gostariam de saber que eu andava mentindo e fazendo coisas injustas.

Uma certa manhã de segunda-feira matei aula, peguei um ônibus e fui à casa de campo. Cheguei lá, dei de cara com Anabela na porta de entrada à minha espera. Nem entrei em casa. Fomos direto para a caverna. Eu estava morrendo de medo, apesar de Anabela jurar me proteger contra qualquer coisa. Procurar um pequeno tubo numa caverna escura cheia de sapos, rãs, aranhas, cobras etc. Só aquelas duas mesmas para fazer aquilo comigo. Entrei na caverna com a lanterna nas mãos, Anabela logo atrás de mim, segurando outra lanterna. Procuramos o tubo por todos os lugares, mas nada dele. Depois de muito tempo, acabamos concluindo que podia ter sido levado pela correnteza da água que saía da caverna e formava um rio lá fora. Seria difícil encontrá-lo. Pedi a Anabela para tentar enxergá-lo na sua mente, mas ela só pode dizer que ele estava num lugar seguro, com muito verde e luz. — Ora, então está fora da caverna — disse, irritado. Anabela concordou comigo, mas pediu para eu não desistir. Saímos da caverna, caminhamos durante um bom tempo seguindo o rio que se formava na saída da caverna e nada. Já estava quase anoitecendo e eu nem tinha dado conta daquilo. Meus pais deviam estar preocupados comigo. O que diria a eles? Briguei com Anabela, estava com raiva de mim mesmo. Pela mentira que inventei para Laís, por não ter encontrado o tubo, por mentir para os meus pais, por ser um medroso e agora mentiroso. Anabela apenas me observou enquanto eu a xingava com palavras horríveis. Não que eu fosse um garoto de dizer palavrões, mas os meus xingamentos eram pior do que

eles. A coitada da Anabela prometeu me ajudar na próxima vez e eu grosseiramente lhe falei:

— Não terá próxima vez. Eu só volto aqui se vocês me contarem o valor que tem a água desse tubo. Por que não pegamos a mesma água na caverna com outro tubo?, perguntei, aborrecido.

— Porque aquela tem o poder que Laís precisa. Porque ela não é igual a outra.

— Como assim, Anabela? A água é a mesma.

— Mas o momento não, Zuc. Um momento nunca se repete. É por isso que aquele tubo é tão importante.

Me acalmei, coloquei a mochila nas costas e me despedi de Anabela. Tinha que correr senão perderia o ônibus de volta para casa. Mas nem adiantou tanta pressa, pois acabei chegando tarde no ponto do ônibus e ele já tinha passado fazia dez minutos.

Tive que pedir carona para conseguir chegar em casa. Fiquei de castigo a semana inteira e só podia sair para ir à escola. De cara fechada quase não dirigia a palavra à Laís. Fiquei tão aborrecido que não voltei mais a procurar tubo nenhum, enquanto ninguém me falasse qual a sua importância, mas Anabela veio me dizer que eu

devia respeitar a vontade de Laís, se ela não queria me contar nada eu tinha que aceitar.

O tempo passou rápido. Retornamos à casa de campo durante muitos anos, e sempre procurava pelo tubo, mas não o encontrava. Anabela dizia que a minha falta de vontade fazia com que eu não o encontrasse. Aquilo me deixava profundamente irritado, pois eu acreditava que dentro de mim tudo o que eu mais queria era encontrar aquele tubo. Mas Anabela afirmava que se eu tivesse vontade mesmo já teria o encontrado. E assim passaram-se os anos. Vieram primaveras, verões, invernos e outonos. Eu cresci. Deixei de ir à casa de campo, pois tinha outros afazeres como uma pessoa adulta. Não deixei de visitar Laís que vivia sempre sorridente. Repetia para mim que eu tinha salvado sua vida com aquele tubo que lhe presenteara, e eu como um tolo achava que ela estava brincando.

Um fim de semana antes de partir para cursar a faculdade de medicina voltei à casa de campo sozinho e fui à caverna procurar pelo tubo que Laís tanto desejava. Eu precisava corrigir a minha mentira. Anabela me ajudou a vencer o medo da escuridão e ficou ao meu lado sempre. Procurei embaixo das pedras, mergulhei muitas vezes nas águas límpidas na tentativa de encontrá-lo e quando achava que não tinha mais jeito lá estava o tubo deitado sobre algumas folhas nas margens do

rio. Como sempre nem percebi que as horas tinham se passado tão rapidamente que nem tive tempo para me despedir de ninguém e quis correr até a casa de Laís para entregar-lhe o tubo, mas estava em cima da hora do meu voo. Guardei o tubo na casa de campo e prometi a mim mesmo que assim que voltasse entregaria a Laís. Agora não precisava mais de pressa, já o tinha encontrado. Eu só não sabia que Laís estava necessitando daquele líquido a cada dia que passava mais e mais. Viajei. E assim passei vinte anos da minha vida, longe da minha casa e dos meus parentes. Laís sempre me escrevia cartas belas contando sobre seus dias, suas conquistas e seus sonhos. Eu nunca tive tempo de ir em casa visitar meus pais, e assim perdi a minha mãe sem tempo para me despedir. Meu pai casou-se com outra mulher, e eu meti a cara nos estudos como fazem todas as pessoas quando querem fugir de algum problema. Eu estava sozinho no mundo. Todos me achavam um grande médico e eu nem sabia direito o que era. Sentia falta da minha mãe, dos meus amigos, da minha casa e de Laís. Mas precisava salvar vidas no mundo inteiro, pois esse era meu destino. Vivia metido nos livros, em palestras e cursos. Quando mamãe morreu eu só vim saber cinco dias depois, estava em viagem e papai preferiu não me contar enquanto eu não voltasse para casa, de férias. Fui ver Laís que estava linda e ainda solteira, contava vinte e três anos.

— Você continua linda, Laís! Estou triste por ter que deixá-la novamente, mas prometo que da próxima vez não virei mais de férias, virei para ficar definitivamente.

— Sinto tanto a sua falta, Zuc. Você nem imagina o quanto sofro com a sua ausência. Ainda bem que você me deu aquela porção mágica.

— Você pode me dizer que valor tem aquela porção mágica para você?

— Ela é a minha vida. Se estou aqui hoje é porque eu a tomei.

Senti vergonha de Laís naquele instante, como sempre. Como tinha permitido que a minha amiguinha tomasse um líquido misturado? Pensando que era uma porção mágica. E se tivesse adoecido? Eu não medi as consequências do que tinha feito. Ainda bem que ela estava viva e com saúde, pensei eu.

Parti mais uma vez para bem longe de Laís. Novamente não tive tempo para ir à casa de campo pegar o tubo e entregar a minha amiguinha. Gente grande vive sem tempo, e por isso deixa de fazer coisas importantes às suas vidas, vive adiando coisas e às vezes quando vai fazer é tarde demais. Certo dia, estava numa das minhas palestras quando fui surpreendido por um telefonema de papai pedindo que eu voltasse imediatamente para casa, pois Laís estava morrendo. E ele não queria sentir-se culpado como fez sem me deixar saber da morte da mamãe. Eu larguei

tudo e corri ao encontro de Laís. Antes de viajar, quando arrumava as minhas malas no hotel por incrível que pareça vi Anabela em pé em cima da minha cama.

— O que faz aqui?, perguntei, assustado.

— A porção mágica. Laís está esperando por ela. Onde você a colocou?

— Está guardada na casa de campo. Eu a deixei lá porque estaria segura.

— Laís está morrendo, Zuc. Ela precisava tomar a porção mágica para continuar viva.

Fiquei parado por alguns minutos. Comecei a chorar e gritar dentro do apartamento. Arrumei as malas o mais que depressa. Não deixaria Laís morrer por nada nesse mundo. Peguei o primeiro avião que consegui e assim que cheguei a minha cidade procurei pelo meu pai. Ele me disse que vendeu a casa de campo fazia alguns meses e que os novos moradores fizeram uma reforma nela. Coloquei as mãos na cabeça num gesto de desespero! A porção mágica já não existia mais. Mesmo assim corri à casa de Laís, mas era tarde demais quando lá cheguei. Ela tinha partido para outra vida, outro lugar, não sei para onde. Acho que foi morar com Deus, é para perto dele que vão as pessoas de bom coração. Havia um bilhete para mim, mas não tive coragem de abri-lo na frente dos seus familiares. Queria ficar sozinho e saí dali correndo, desesperado.

Na casa de campo caminhei horas e horas na plantação de trigo e no antigo milharal de papai. Quando cheguei em frente ao meu espantalho vi que ele continuava o mesmo, mas bem velhinho, é verdade. Fazia anos que eu e o vovô tínhamos colocado ele ali. Diante dele adquiri forças para abrir o bilhete onde estava escrito o seguinte texto:

“Meu querido amigo,

Lute sempre pelos seus sonhos, e mesmo quando tudo tornar-se distante dos seus braços estique-os com muita força e alcançará o que deseja.

Te amo,

Lais.”

O incrível mundo de Zuc – Capítulo VI – Rosângela Trajano

Olhei para o espantalho que tinha os braços esticados e fiz o mesmo com os meus. Estiquei-os com tanta força que senti dores nos músculos. Pedi a Deus para trazê-la de volta. Será que ainda havia tempo? Laís sempre dizia que quando amamos sempre há tempo para lutar. Tudo o que eu queria era Laís de volta, mas quando alguém morre ficam as lembranças e isso é muito importante para quem ama. Porém, eu não queria viver só de lembranças, eu queria era Laís perto de mim para correr por entre aquelas plantações e conversarmos sentados à beira do rio. Chorava como um menino. Foi, então que ouvi uma voz falar comigo.

— Vá até a beira do rio. Embaixo de uma folha verde, próximo de uma pedra estará seu tubo com a porção mágica. Ainda há tempo de salvar a vida de Laís. Ela morreu para o mundo não para você. Vá, Zuc. Corra! Vamos, Corra!

— Mas eu não o deixei lá. Estava na casa de campo e ela foi destruída. Como foi parar na beira do rio? Quem está falando?, perguntei, assustado.

— Sou eu, Zuc. Seu amado espantalho. Foi você quem me deu vida, lembra? Pois bem, você tem o poder de trazer de volta a vida de Laís. Quando se ama, Zuc, nada é impossível. Quando se tem vontade conseguimos tudo o que desejamos. Corra! Não há tempo a perder.

— Como vou encontrar um tubo pequenino no meio de um monte de folhas lodentas?, perguntei enxugando o rosto suado.

— Estique os braços para poder alcançar as coisas que deseja, se mesmo assim não conseguir abra bem os olhos para poder enxergar onde elas estão. Faça isso, Zuc e conseguirá. A força do seu amor por Laís pode lhe ajudar. Esta não é a sua vontade?, perguntou o espantalho.

— Sim, esta é a minha vontade. Eu quero encontrar o tubo

Fiquei espantado com o meu espantalho falante, mas naquela casa de campo as coisas eram assim mesmo, tudo ganhava vida! Vovô dizia que era a força do meu amor e a minha vontade. Primeiro veio Anabela uma ratinha inteligente, depois os duendes e agora o espantalho com vida. Não pensei duas vezes e corri até o rio. Lá chegando encontrei a folha da qual o espantalho falou, e embaixo dela meu tubo cheio de lodo ao seu redor com a porção mágica dentro dele. Peguei o tubo e corri de volta à casa de Laís. Ela estava vestida de branco com uma coroa de rosas na cabeça. Pedi aos seus pais para dar-lhe a porção mágica, mas eles não deixaram. Disseram que eu como médico não podia fazer mais nada por ela. E respondi-lhes o seguinte:

— Como médico sei que não posso fazer mais nada. Mas como amigo sim. Por favor deixem-me dar-lhe a porção.

Depois de muito insistir os pais de Laís finalmente aceitaram. Coloquei na sua boca toda a porção mágica e fiz descer garganta a dentro. Passados alguns minutos para a surpresa de todos que se encontravam naquele quarto cheio de luz do sol e branco como a neve Laís abriu os olhos com a cabeça nos meus braços.

— Zuc, o que faz aqui? Zuc, quanto tempo não nos vemos! Pensei que nunca mais fosse ver você, meu amigo!, disse Laís sem lembrar do que tinha acontecido.

O espantalho surpreendeu a mim e a vida com a sua sabedoria. Só nunca consegui entender como ele sabia onde estava o tubo mágico. Lá do alto onde o coloquei ele podia espantar os corvos, e também podia ver a água corrente do rio, quando o coloquei naquele lugar pensei que ele podia trabalhar e ao mesmo tempo distrair-se. Quem sabe ele viu o tubo descendo rio abaixo, quem sabe, quem sabe? Só sei que até hoje quando tenho vontade de alguma coisa nada me impede de lutar por ela, nada mesmo.

Ainda bem que tenho Anabela pra me alertar dos meus defeitos e erros, ainda bem.

Uma ratinha amiga que nunca respondeu as minhas perguntas, mas que me fez crescer curioso por demais. É ela quem me ajuda nas minhas cirurgias e diagnósticos, é ela também quem me ajuda a dizer aos familiares quando um paciente está perto da morte. Eu sei o que é a morte, lido com ela todos os dias. E como queria ter uma porção mágica para cada paciente meu, salvar a vida deles como salvei a da minha amada Laís.

Vou para casa jantar. Laís me espera. Está caindo uns pinguinhos de chuva e começo a sentir frio.